

RESENHA

LEMERCIER, C.; ZALC, C. *Méthodes quantitatives pour l'historien*. Paris: La Découverte, 2008. (Collection Repères).

*Maria Helena Rocha Antuniassi**

As autoras são pesquisadoras do CNRS, do Institut d'Histoire Moderne et Contemporaine e professoras da École Normale Supérieure, da rua d'Ulm, e da École des Hautes Études en Sciences Sociales – Paris – França

O objetivo da obra é familiarizar os leitores com os diversos usos da quantificação na prática da pesquisa histórica, mostrando as possibilidades e os limites na sua utilização, tendo em vista contribuir para a formação de leitores críticos das pesquisas quantitativas, sem fetichismo nem fobia aos números.

As autoras deixam claro que a quantificação não é um fim, mas, sobretudo, um instrumento, entre outros. Consideram que os historiadores continuam a receber uma formação literária que os afasta da utilização dos números, mas que está na hora de reverter essa situação, pois a não utilização dos métodos quantitativos deve resultar de uma decisão com conhecimento de causa e não da ignorância. Assim sendo, trazem uma proposta essencialmente prática, que propõe um diálogo entre problemas concretos de pesquisa e questões históricas, diálogo originado da experiência adquirida durante vários anos de trabalho. Pretendem mostrar que a aquisição de uma cultura geral dos problemas de quantificação permite aguçar o senso crítico do pesquisador para melhor explorar certas fontes e visualizar questões fundamentais da disciplina.

Com base nessas questões, as autoras explicitam em seis capítulos suas propostas de por que contar e como escolher os métodos quantitativos.

No primeiro capítulo, “*A história quantitativa, do apogeu à crise*”, as autoras tecem considerações sobre a utilização do método como moda, tendo o apogeu nos anos 60 e 70, declinando nos anos 80 a 90 pela

* Professora titular da UNESP, pesquisadora do NAP/CERU/USP.

banalização de sua utilização ligada apenas à distinção conferida por sua utilização, muitas vezes, sem conhecimento de causa. É a época do “retorno ao indivíduo”, em que a narração muitas vezes é vista como antagonista do quantitativo, em que uma grande parte dos historiadores deseja dar mais atenção à experiência vivida pelos atores e a suas capacidades de ação. Os excessos da quantificação acabaram por contribuir para o seu descrédito.

As autoras consideram que, neste momento, caminha-se para uma renovação “contar para melhor pesquisar”, sendo a quantificação vista como a possibilidade de afinar uma hipótese, como estratégia para sair de uma afirmação muito geral, que pode ser vista como uma simples opinião.

No segundo capítulo, “*Face às fontes, ao corpus e às amostras*”, por meio de uma série de comentários e exemplos, as autoras discutem:

- a diversidade das fontes quantificáveis,
- biografia e quantificação,
- o questionário e o historiador,
- micro história e fontes nominativas,
- amostra e significação:
 - quantos casos levar em conta,
 - amostra e comparação e
 - como escolher uma amostra.

A discussão de todos esses itens é realizada a partir de exemplos concretos de pesquisa, mostrando, inclusive, como apresentar resultados em porcentagens, análise de variância e utilização de que quadrado. (x2)

O terceiro capítulo se refere às fontes e dados. “*das fontes aos dados*” com uma atenção especial a codificação. Ao discutir a problemática da fonte e da codificação dos dados, as autoras mostram que a transformação da fonte “bruta” em dados quantificáveis passa por duas grandes etapas: de uma parte o levantamento dos dados que consiste em retranscrever o arquivo no seio de um documento informatizado, e de outra parte, a codificação que modifica as informações recolhidas para constituir as categorias, mais ou menos homogêneas, a fim de tornar possível um tratamento quantificado.

Elas alertam para o fato de que a confusão dessas duas etapas está na origem de inúmeras críticas à quantificação, portanto é muito importante distingui-las com clareza.

Assim como no capítulo anterior, toda a discussão do levantamento de dados, categorização e codificação é realizada em torno de exemplos concretos de pesquisas de forma bastante esclarecedora.

No quarto capítulo, as autoras se referem ao problema de “*contar as palavras e explorar os textos*” e a discussão gira em torno da seguinte questão: Por que contar em vez de interpretar? As autoras consideram que reduzir o sentido de um texto aos efetivos seria realmente um absurdo. Entretanto-

to, o quantitativo pode levar o pesquisador a ler um texto de outra forma, isto é, de maneira mais controlada e, portanto, formalizar um percurso interpretativo.

Tudo indica que, para as autoras, o importante é fazer uma leitura controlada. Consideram que, em relação aos modos de leitura e interpretação habituais, a utilização de softwares especializados permite assegurar que certos resultados poderão ser obtidos de forma idêntica e em tempos diversos por outros pesquisadores. O grau de certeza dos resultados pode assim ser mais bem avaliado. Na verdade, não se considera que os resultados obtidos com base em métodos quantitativos sejam mais “verdadeiros”, o importante é que eles podem ser discutidos sobre bases mais precisas. Nesse capítulo são particularmente interessantes as observações que as autoras fazem sobre a escolha dos softwares, tendo em vista os objetivos da pesquisa e o tamanho e tipo de texto a ser trabalhado.

No quinto capítulo, “*Das correlações às causalidades*”, a discussão gira em torno da análise fatorial: Análise fatorial de correspondências

Análise em componentes principais

Análise das correspondências múltiplas

As autoras lançam mão de inúmeros exemplos de utilização da análise fatorial, entre eles alguns extraídos das obras de Bourdieu, largamente conhecidos pelos historiadores. “As representações gráficas da análise fatorial se harmonizam bem com a idéia de uma estrutura de espaço social, orientado por dois eixos, por exemplo, segundo o capital econômico e o capital cultural.”¹

No subitem “voltar aos indivíduos”, as autoras chamam a atenção dos leitores para o fato de que, na sua utilização em história, a análise fatorial, freqüentemente, tem sido considerada uma técnica de descrição de grandes estruturas, quando, na realidade, ela permite um vai-e-vem interessante entre uma visão de conjunto e as posições individuais, sobretudo na criação de tipologias. Nesse caso o software projeta os indivíduos sobre o plano fatorial, considerando-os como variáveis suplementares.

No capítulo seis, “*Quantificação, redes e trajetórias*”, amparadas por um grande número de exemplos, extraídos de obras de autores consagrados, as autoras discutem a questão em dois grandes itens: “rede, indivíduos e estruturas”, que trata de dados relacionais, e “estudar as trajetórias”, no qual discutem causalidades e temporalidades (análise de seqüências). Nos dois itens são apresentados exemplos de tabelas e gráficos bastante esclarecedores.

As análises estruturais de rede visam iluminar a estrutura das relações de um conjunto pré-determinado de indivíduos e, portanto são particularmente, úteis quando o pesquisador se interessa pelas relações internas de

¹ Bourdieu, P. *La Distinction*. Paris: Minituit, 1979.

um grupo constituído, como uma empresa ou uma associação, por exemplo; enquanto a análise de seqüências permite levar em conta variáveis explicativas que mudam no tempo, por exemplo, os efeitos do casamento sobre a passagem das mulheres do emprego à inatividade, conforme pesquisa de Grimm e Bonneuil (2001).²

Na conclusão, as autoras reafirmam o otimismo nas possibilidades do método quantitativo alertando para o fato de que a escolha de escalas e modelos deve estar ligada a postulados sobre o papel histórico e social das instituições, das normas dos indivíduos e das classes. Reafirmam que, de fato, a quantificação não evita erros e manipulações, mas apresentam a vantagem de obrigar o pesquisador a explicitar escolhas e procedimentos, na medida em que força a explicitação das hipóteses, a tomar consciência dos limites e a lançar um novo olhar sobre as fontes, sobretudo quando elas colocam dificuldade para o levantamento de dados e codificação.

Na verdade, o livro não é um manual, é exatamente o que as autoras salientam, um incentivo à utilização dos métodos quantitativos pelos historiadores, mostrando que a quantificação, longe de impedir a criatividade e a inventividade do historiador, pode, ao contrário, as estimular.

Nossa experiência e a de nossos estudantes provam que a quantificação é freqüentemente caminho de trabalho coletivo, de interrogação lúdica, de verdadeiros momentos de prazer. Esperamos que esse guia, pequeno convite à viagem, tenha proporcionado desejo de se arriscar.

² GRIMM, M.; BONNEUIL, N. Labour market transition of French women over the life-cycle, 1935-1990. *European Journal of Population*, v. 17, n. 3, p. 236-260, 2001.